

Odir Berlatto\*

## A construção da identidade social

---

**Resumo:** A identidade social é o que possibilita o reconhecimento social da pessoa, mas também pode ser motivo de estigma. Por isso, o presente artigo analisa o processo de construção da identidade social dos indivíduos, tendo como referenciais teóricos centrais Cuche e Goffman. De um modo geral, a identidade social é construída individualmente e coletivamente. Dependendo da situação, podemos afirmar ou negar. Mas isso não depende exclusivamente da boa vontade ou do interesse pessoal de cada pessoa em dizer quem ele é, pois alguns sujeitos e grupos sociais não apresentam força simbólica para dizer quem eles são.

**Palavras-chave:** Autoimagem. Identidade. Reconhecimento.

### Social identity construction

**Abstract:** Social identity is what can make possible social recognition of a person, but can also be a reason of stigma. On this account, this paper examines the process of individuals' social identity construction, taking as theoretical basis Cuche and Goffman. Broadly, a social identity is constructed individually and collectively. Depending on the situation, we can affirm or deny it. However, this does not depend exclusively on good will or personal interest of each person saying who he/she is, because some subjects and social groups do not present symbolic force to say who they are.

**Key words:** Self-image. Identity. Recognition.

---

## Introdução

O objetivo deste texto é construir um suporte teórico visando a analisar como acontece o processo de construção, reconstrução e remodelação da identidade social dos indivíduos. As diferentes abordagens sobre identidade são desenvolvidas a partir de um conceito que envolve a dimensão individual e coletiva. Nessa direção caminham Berger e Luckmann,<sup>1</sup> quando referem que “a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade”. Em outros termos, ela revela o resultado das

---

\* Mestre em Ciências Sociais. Professor na Faculdade da Serra Gaúcha nos Cursos de Administração, Ciências Contábeis, Fisioterapia e Psicologia. [odir.berlatto@fsg.br](mailto:odir.berlatto@fsg.br) e [odir.berlatto@gmail.com](mailto:odir.berlatto@gmail.com).

<sup>1</sup> BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 230.

diversas interações entre o indivíduo e o seu ambiente social, próximo ou distante. Por isso,

A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.<sup>2</sup>

Para Brandão,<sup>3</sup> a identidade também se “constitui como uma categoria de atribuição de significados específicos a tipos de pessoas em relação uma com as outras [...]”. Na sequência do mesmo texto, reforça a ideia do condicionamento da identidade pessoal pelas expectativas que o grupo social estabelece para com seu portador. A própria identidade pessoal passa a ser um nome socialmente construído (“os nomes que a ordem social atribui aos seus membros”).

Berger e Luckmann<sup>4</sup> explicam que a formação e conservação das identidades são condicionadas por processos sociais determinados pelas estruturas sociais. Desse modo, a identidade social não diz respeito apenas aos indivíduos. Todo grupo apresenta uma identidade que está em conformidade a sua definição social que o situa no conjunto social. Assim, a identidade social é ao mesmo tempo inclusão – pois só fazem parte do grupo aqueles que são idênticos sob certo ponto de vista – e exclusão – visto que sob o mesmo ponto de vista são diferentes de outros.

No entanto, somente o contexto relacional pode explicar, por exemplo, por que num determinado momento uma identidade é afirmada ou reprimida. Por conseguinte, a sua construção realiza-se no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e, por isso mesmo, orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, uma vez que é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais. Em outras palavras,

A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato [...]. A identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus

---

<sup>2</sup> CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 177.

<sup>3</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 10 e 35.

<sup>4</sup> BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. op. cit.

traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural.<sup>5</sup>

A concepção relacional e situacional de identidade percebe os membros de um grupo como os próprios atores que se atribuem uma significação a sua vinculação, em função da situação relacional em que se encontram, visto que é no interior das trocas sociais que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente.

Nesse sentido, “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra”. Quer dizer, existe uma relação dialética entre identidade e alteridade. Na medida em que a identidade é sempre resultante de um processo de identificação no interior de uma situação relacional e relativa, uma vez que poderá evoluir se a situação relacional for mudada, “seria talvez preferível adotar como conceito operatório para a análise o conceito de identificação do que de identidade”.<sup>6</sup>

De acordo com a situação relacional, a autoidentidade que diz respeito à capacidade de o indivíduo se nomear, terá maior ou menor legitimidade que a heteroidentidade (refere-se à força dos atributos construídos pelos outros em relação ao indivíduo). Ou seja, vai depender da relação de força entre os grupos de contato, que poderá ser uma relação de força simbólica. A heteroidentidade traduzir-se-á pela estigmatização dos grupos minoritários, numa situação de dominação caracterizada. Normalmente, nesse caso, ela conduz ao que chamamos uma identidade negativa.

Definidos como diferentes em relação à referência que os majoritários constituem, os minoritários reconhecem para si apenas uma diferença negativa. Também se pode ver o desenvolvimento entre eles dos fenômenos de desprezo por si mesmos. Estes fenômenos são frequentes entre os dominados e são levados a aceitação e à interiorização de uma imagem de si mesmos construída pelos outros.<sup>7</sup>

A identidade negativa surge então como uma identidade vergonhosa<sup>8</sup> e rejeitada em maior ou menor grau. Nesse caso, poderá se traduzir, na

---

<sup>5</sup> CUCHE, Denys, op. cit., p.182.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 183.

<sup>7</sup> CUCHE, Denys, op. cit., p.184.

<sup>8</sup> “O conteúdo emocional da vergonha consiste [...] em uma espécie de rebaixamento do sentimento do próprio valor; o sujeito que se envergonha de si mesmo na experiência do rechaço de sua ação, sabe-se como alguém de valor social menor do que havia suposto previamente [...]” HONNETH, Axel. *A Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução de Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 222).

medida do possível, numa tentativa para eliminar os sinais exteriores da diferença negativa. Por exemplo, determinados grupos querem passar a ideia de bons trabalhadores. Mas nem todos os grupos contam com a mesma capacidade de identificação, já que é a posição no sistema de relações que liga os grupos que lhes concede esse poder. Assim, nem todos os grupos conseguem nomear e se nomear.

Bourdieu<sup>9</sup> explica que somente os que dispõem de autoridade legítima, ou seja, de autoridade conferida pelo poder, podem impor suas próprias definições de identidade que fixam as respectivas posições de cada grupo.

A autoridade legítima tem o poder simbólico de fazer reconhecer como fundamentadas as suas categorias de representação da realidade social e seus próprios princípios de divisão do mundo social. Por isso mesmo, esta autoridade pode fazer e desfazer os grupos.<sup>10</sup>

Esse poder de classificar “leva à etnicização dos grupos subalternos. Eles são identificados a partir de características culturais exteriores que são consideradas como sendo consubstanciais a eles, e logo, quase imutáveis. A caracterização como diferentes leva os grupos subalternos a serem marginalizados e percebe-se também que a imposição de diferenças vai mais ao encontro da “afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante, do que as especificidades culturais”.<sup>11</sup> No entanto, ela pode tornar-se uma política de exclusão dos grupos minoritários obrigados, de certa forma, a permanecer em seu lugar, no lugar que lhes foi destinado em função de sua classificação.

## 1 Identidade e estigma

Analisando o processo de construção da identidade social, Goffman reforça o argumento de que a identidade de um determinado indivíduo é construída a partir dos parâmetros e expectativas estabelecidas pelo meio social. Para ele, os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma das categorias são determinados pela sociedade. São os ambientes sociais que determinam as categorias de pessoas que neles podem ser encontradas.

---

<sup>9</sup> BOURDIEU, Pierre. *L'identité et la représentation*. Actes de recherche em sciences sociales, n. 35, p. 63-72, 1980.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 186.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 187.

Entretanto, as rotinas de relação social em ambientes determinados nos possibilitam contatos com outras pessoas previstas sem atenção ou reflexão particular.

Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “status social”, já que nele se incluem atributos como honestidade, da mesma forma que atributos estruturais como ocupação.<sup>12</sup>

Goffman elabora seu conceito de identidade social a partir desse contorno teórico, o qual está subdividido em identidade social virtual e identidade social real. Distingue a identidade social virtual da identidade social real: a primeira consiste nas exigências que o grupo social faz em relação àquilo que o indivíduo, diante desse mesmo grupo, deveria ser; e a segunda refere-se à categoria e atributos que o indivíduo prova ter. Contudo, na relação entre a identidade social virtual e a identidade social real pode ocorrer discrepância. É, nesse momento, que surge o que se denomina estigma:

Enquanto o estranho está a nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torne diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.<sup>13</sup>

Porém, a identidade social pode ser arruinada quando a discrepância, vinculada a um indivíduo, torna-se conhecida ou manifesta: “ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo”.<sup>14</sup> Ou seja, quando são construídos conceitos negativos dessa espécie designam um comportamento que não representa uma injustiça só porque ele tolhe os sujeitos em sua liberdade de ação ou lhes inflige danos; pelo contrário, visa-se àquele aspecto de um comportamento lesivo pelo qual as

---

<sup>12</sup> GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988. p. 12.

<sup>13</sup> GOFFMAN, op. cit., p. 12.

<sup>14</sup> Id., *ibid.*

peças são feridas numa compreensão positiva de si mesmas, que elas adquiriram de maneira intersubjetiva.<sup>15</sup>

Por isso, Goffman identifica três tipos diferentes de estigma:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo lugar, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.<sup>16</sup>

Ainda na relação entre a identidade social virtual e a identidade social real, não se pode deixar de observar que há outros tipos de discrepância além dos mencionados. “Por exemplo, a que nos leva a reclassificar um indivíduo antes situado numa categoria diferente mas igualmente previsto e que nos faz alterar positivamente a nossa avaliação”.<sup>17</sup>

O estigma, por apresentar caracteres diferentes dos previstos, apresenta características sociológicas básicas, as quais são vinculadas às respostas negativas que o indivíduo fornece em relação à identidade social e virtual: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana apresenta um traço que se pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para seus outros atributos.

Desse modo, o processo de construção do indivíduo estigmatizado acontece na medida em que a identidade social virtual, elaborada e atribuída socialmente a alguém, afasta-se de sua identidade social real, surgindo este tipo de indivíduo, havendo um atributo que serve de meio possibilitador desse distanciamento.

Porém, a possibilidade desse atributo de realizar o distanciamento é socialmente avaliada. Um determinado atributo poderá produzir algo que satisfaz ou não às expectativas estabelecidas pelo grupo social para com a identidade social virtual. Se o mesmo não satisfizer as referidas expectativas, contribuirá para a constituição do indivíduo estigmatizado. Haber-

---

<sup>15</sup> HONNETH, Axel, *A Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução: Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 222.

<sup>16</sup> GOFFMAN, op. cit., p. 14.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 12 segs.

mas,<sup>18</sup> quando analisa a compreensão de tempo na época moderna, cita que Koselleck nas “suas investigações sobre a história dos conceitos, [...] caracterizou a consciência moderna do tempo, entre outros modos, mediante a diferença crescente entre o ‘campo de experiência’ e o ‘horizonte de expectativa’.” Ou seja, na visão de Koselleck,<sup>19</sup> a época moderna distanciou de tal modo experiência e expectativa, que podemos dizer que a experiência faz com que algumas pessoas se movimentem em direção à expectativa, mas não conseguem atingi-la. Por isso, o mesmo grupo social que constitui o normal – “os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão” – constitui o estigmatizado. Normal e estigmatizado são definidos pelas mesmas referências. É a capacidade de responder positivamente às expectativas por meio de determinados atributos que alguém é colocado numa ou outra categoria.

Um indivíduo, ao se apossar de determinados atributos, poderá tornar-se estigmatizado perante a sociedade, uma vez que o meio social a que pertence convencionou classificar o produto daquele atributo como insuficiente para responder positivamente às expectativas estabelecidas socialmente para os indivíduos vinculados a determinada identidade social virtual. Como exemplo, podemos citar o guardador de automóveis, o papelheiro, o “chapa” e a prostituta que são estigmatizados justamente por não responder positivamente às expectativas da sociedade pela sua ocupação, isto é, além de estar “desempregados”, pertencem, em termos de trabalho, a uma categoria estranha e desacreditada.

## 2 As estratégias de identidade

Uma vez que a identidade é resultado de uma construção social e faz parte da complexidade e da heterogeneidade dos grupos sociais, não pode ser considerada como monolítica, visto que essa concepção dificulta a compreensão de diversos processos de identidade mista presentes em toda a sociedade.

---

<sup>18</sup> HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 19.

<sup>19</sup> Koselleck diz que: “Segundo minha tese, amplia-se progressivamente na época moderna a diferença entre experiência e expectativa; mais precisamente, a época moderna só se deixa compreender como um tempo novo desde o momento em que as expectativas começam a se afastar cada vez mais de todas as experiências feitas até então.” Citado por HABERMAS, op. cit., p. 19.

Na realidade, como cada um faz a partir de suas diversas vinculações sociais (de sexo, de idade, de classe social, de grupo cultural...), o indivíduo que faz parte de várias culturas fabrica sua própria identidade, fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais. O resultado é, então, uma identidade sincrética e não dupla, se entendermos por isso uma adição de duas identidades para uma só pessoa.<sup>20</sup>

Embora a concepção negativa da dupla identidade permita que certos grupos sejam desqualificados socialmente, cada indivíduo integra, de forma sintética, a variedade das referências identificatórias que estão ligadas à sua história. Também de acordo com as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em uma ou outra situação relacional, o indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável.

O caráter multidimensional e dinâmico da identidade dificulta a sua delimitação e a sua definição. É isto que lhe “confere sua complexidade, mas também o que lhe dá sua flexibilidade. A identidade conhece variações, presta-se a reformulações e até a manipulações”.<sup>21</sup> É justamente para sublinhar esse caráter mutável da identidade que certos autores utilizam o conceito de estratégia de identidade. Nessa perspectiva,

a identidade é vista como um meio para atingir um objetivo. Logo, a identidade não é absoluta, mas relativa. O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica. Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação, que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais.<sup>22</sup>

Entretanto, quando se recorre ao conceito de estratégia, não se pode pensar que os atores sociais são totalmente livres para definir sua identidade, segundo interesses materiais e simbólicos do momento. Quer dizer, as estratégias devem levar em conta a situação social, a relação de força entre os grupos e as manobras dos outros.

Na medida em que a identidade é o resultado da identificação imposta pelos outros e do que o grupo ou o indivíduo afirma por si mesmo, um “tipo extremo de estratégia de identificação consiste em ocultar a identidade pretendida para escapar à discriminação”.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> CUCHE, Denys, op.cit. p. 184.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 186.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 186.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 186.

Não obstante possa ser até um emblema ou um estigma, a identidade instrumentaliza-se nas relações entre os grupos sociais. “A identidade não existe em si mesma, independente das estratégias de afirmação dos atores sociais que são ao mesmo tempo produto e o suporte das lutas sociais e políticas”.<sup>24</sup> Por isso, o caráter estratégico da identidade não implica necessariamente uma perfeita consciência dos objetivos buscados pelos indivíduos e tem a vantagem de dar conta dos fenômenos no despertar da identidade.

De um modo geral, o conceito de estratégia pode explicar as variações de identidade que podem ser caracterizados como deslocamentos de identidade. Esse conceito “faz aparecer a relatividade dos fenômenos de identificação. A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói, segundo as situações de vida em sociedade. Ela está sempre em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente”.<sup>25</sup>

### 3 As fronteiras da identidade

Considerando que toda a identificação é ao mesmo tempo diferenciação, no processo de identificação o essencial é a vontade de marcar os limites entre ‘eles’ e ‘nós’ e, imediatamente, de estabelecer e manter o que chamamos de fronteira. A fronteira resulta de um compromisso entre o que o grupo pretende marcar e o que os outros querem lhe designar, uma vez que estamos nos referindo a uma fronteira social, simbólica.

O que propicia a separação, a fronteira, é o desejo de se “diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de sua identidade específica”.<sup>26</sup> Assim, grupos bastante próximos culturalmente podem considerar-se totalmente estranhos uns em relação aos outros e até hostis, opondo-se sobre um elemento isolado do conjunto cultural.

Elias, ao estudar uma pequena comunidade urbana da Inglaterra, reforça o argumento de que grupos bastante próximos podem considerar-se estranhos, pois percebeu que no seu interior existia uma divisão bem definida entre um grupo de moradores mais antigos denominados de estabelecidos e o grupo mais novo de residentes, cujos moradores eram tratados pelo primeiro como *outsiders*. Qualquer visitante que circulasse pelas ruas das duas partes da comunidade, poderia se surpreender ao tomar conheci-

---

<sup>24</sup> CUCHE, Denys, op. cit., p. 187.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 188.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 200.

mento que os habitantes de uma delas julgavam-se imensamente superiores aos da outra, uma vez que

no que concerne aos padrões habitacionais, as diferenças entre as duas áreas não eram particularmente evidentes. Mesmo examinando essa questão mais de perto, era surpreendente, a princípio, que os moradores de uma área tivessem a necessidade e a possibilidade de tratar os da outra como inferiores a eles e, até certo ponto, conseguissem fazê-los sentirem-se inferiores. Não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, “cor” ou “raça” entre os residentes das duas áreas, e eles tampouco diferiam quanto a seu tipo de ocupação, sua renda e seu nível educacional – em suma, quanto a sua classe social. As duas eram áreas de trabalhadores. A única diferença entre elas era a que [...] um grupo compunha-se de antigos residentes, instalados na região havia duas ou três gerações, e o outro era formado por recém-chegados.<sup>27</sup>

Considerando que a identidade etnocultural utiliza-se apenas de parte da cultura, uma mesma cultura pode ser instrumentalizada de modo diferente e até nas diversas estratégias de identificação. No entanto, as fronteiras são mutáveis. Qualquer mudança na situação social, econômica ou política pode provocar deslocamentos de fronteiras. Essas devem ser concebidas como uma demarcação social suscetível de ser frequentemente renovada pelas trocas.

## Considerações finais

Considerando que os autores trabalhados reforçam a ideia da relação entre a experiência de reconhecimento e a relação consigo próprio resulta da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal, os indivíduos se constituem como pessoas unicamente porque, da perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres a que cabem determinadas propriedades e capacidades. Por isso, partimos da ideia de que a identidade social de um indivíduo está associada ao conjunto de vinculações de um sistema social. Quer dizer, é a identidade social que permite ao indivíduo localizar-se e ser localizado socialmente. No entanto, nem todos os grupos dispõem das mesmas capacidades de identificação. É a posição no sistema de relações que os liga, que lhes concede este poder, visto que a identidade de um determinado indivíduo é construída pelo

---

<sup>27</sup> ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 21.

meio social. E o processo de construção dos estigmas acontece na medida em que as expectativas não são satisfeitas.

A discussão desenvolvida possibilita entender que a identidade social é construída na relação que o indivíduo estabelece com a sociedade. Ou seja, a identidade social é construída em oposição a outras e também a partir das expectativas estabelecidas pelos grupos sociais. Nessa perspectiva, as forças simbólicas entre os grupos são diferentes. Grupos com menor força simbólica, devido ao pouco reconhecimento que sua ocupação tem na sociedade, estão mais propensos a ser marginalizados e estigmatizados. Por conseguinte, algumas estratégias de identidade são utilizadas, por exemplo, pelos indivíduos que contam com ocupações não reconhecidas para se identificar como trabalhadores.

## Referências

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *L'identité et la représentation. Actes de recherche en sciences sociales*, n. 35, p. 63-72, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O desencantamento do mundo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HONNETH, Axel. *A Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução de Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

*Recebido em 30/11/2009, aprovado em 25/02/2010.*